

POLÍTICA, DIREITO E SOCIEDADE

*Estudos em homenagem ao
Professor Silvério da Rocha-Cunha*

Evanthia Balla
Irene Viparelli
Paulo Vitorino Fontes
Rafael Franco Vasques
(orgs.)

Índice

- 11 Introdução
- 13 Economia do conhecimento: repensar os fundamentos económicos
Adão Carvalho
- 39 Uma Inteligência Artificial centrada no ser humano?
Uma reflexão acerca da abordagem da União Europeia a partir do
pensamento de Silvério da Rocha-Cunha sobre os Direitos Humanos
Ana Paula Brandão
Isabel Camisão
- 59 Sobre a Amizade em Relações Internacionais, e em Economia
António Caleiro
- 81 A pretensão de correção por Robert Alexy
Cláudia Toledo
Anny Santana
- 99 O Projeto Europeu como Projeto de Paz: Enigmas da Soberania e as
crises da Europa à Luz do Pensamento de Silvério da Rocha-Cunha
Evanthia Balla
- 119 A Academia nas trincheiras
(Ensinar e aprender em contexto de neoliberalismo hegemónico)
Francisco José Tomás Catarro
- 143 O princípio da distinção
desigualdade social numa “sociedade de iguais”
Hugo Carvalho de Matos Fernandez
- 159 A identidade de humanismo e naturalismo nos *Manuscritos*
Económico-Filosóficos de 1844. Notas sobre a leitura ecológica
de Kohei Saito.
Irene Viparelli
- 181 Nacionalismo – Back to basics
Isabel Estrada Carvalhais

205	A integração política da Europa o patriotismo constitucional de Jürgen Habermas <i>Joana Rocha-Cunha</i>	415	Novas gerações e literacia financeira: capacitação para um futuro sustentável nas políticas públicas <i>Paulo Neto</i> <i>Maria Luísa Silva</i>
221	De novo a Filosofia Portuguesa ou o diálogo não-escrito entre Eduardo Lourenço e o seu Mestre Joaquim de Carvalho <i>João Tiago Lima</i>	433	Racionalidade comunicativa e cosmopolitismo universal no pensamento de Jürgen Habermas e Silvério da Rocha-Cunha <i>Paulo Vitorino Fontes</i>
241	A sociedade numenal vs uma doxástica provável <i>João Vaz Rodrigues</i>	449	Memórias Anotadas de José Medeiros Ferrelira: Um Intelectual que trouxe dentro de si toda a humanidade <i>Pilar Damião de Medeiros</i>
257	Tributo a Silvério Rocha e Cunha <i>José Alberto Gomes Machado</i>	459	Pluralismo, Democracia e Direitos Humanos: uma perspetiva agonista para um mundo multipolar <i>Rafael Franco Vasques</i>
261	Riscos, incertezas e democracia <i>José Eduardo Faria</i>	483	As relações entre a União Europeia e a Rússia: da cooperação competitiva à confrontação <i>Sandra Fernandes</i>
269	O marxismo como teoria crítica do direito internacional – algumas considerações iniciais <i>José Manuel Pureza</i>	499	O contributo do Comité das Regiões para o aprofundamento da democracia no âmbito da Conferência para o Futuro da Europa: a proposta do High-Level Group on European Democracy <i>Sandrina Antunes</i>
291	Espaços, territórios e fronteiras entre o 3º e o 1º milénio a.C. no Alentejo (Portugal) <i>Leonor Rocha</i>	517	Violência, margens e Relações Internacionais <i>Sílvia Roque</i>
307	O pensamento de Étienne La Boétie pela mão de um Professor <i>Licinia Simão</i>		
317	Portugal e a imprevisibilidade das Relações Internacionais <i>Luís Vieira de Andrade</i>		
331	Implicações do uso da força e das “operações robustas” nas operações de manutenção da paz da ONU <i>Maria do Céu Pinto Arena</i>		
343	A Presença da Ordem dos Carmelitas Descalços em Évora: o caso do Convento de São José da Esperança ou Convento Novo <i>Maria Lucília Teixeira</i>		
355	Considerações sobre a desformalização do direito gerada pelo fenómeno da Globalização <i>Mário Reis Marques</i>		
371	Genocídio, Direito Internacional e a relação entre soberania e direitos humanos: da Escola de Salamanca à desordem do século XXI <i>Miguel Santos Neves</i>		
403	Anotação ao artigo 1577.º do Código Civil <i>Nuno de Salter Cid</i>		

POLÍTICA, DIREITO E SOCIEDADE

Estudos em homenagem ao

Professor Silvério da Rocha-Cunha

Organização: Evanthia Balla | Irene Viparelli | Paulo Vitorino Fontes |
Rafael Franco Vasques

CAPA: Sal Design Studio

© Edições Húmus, Lda. e Autores, 2025

Edições Húmus, Lda., 2025

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef.: 926 375 305

humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

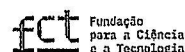
ISBN: 978-989-9275-09-6

Impressão: Papelmunde

1ª edição: 20 de Junho de 2025

Depósito Legal: 547711/25

Apoios:



Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00758/CICP.

A sociedade numenal vs uma doxástica provável

JOÃO VAZ RODRIGUES*

«The Crowd (in unison): — Yes, We're all individuals!

Brian: — You're all different!

The Crowd (in unison): — Yes, we are all different!

Man in the Crowd: — I'm not!»

Monty Python's *Life of Brian*

(1979, *apud* Dan Ariely, *Misbelief*, p. 264, Ed. Kindle)

Este curto capítulo (outra extensão daria conforto, mas análoga insuficiência) é determinado pela dedicação a Silvério da Rocha Cunha. Um filósofo não se jubila; situa-se na vida em estado de sujeição, em vida — parafraseando dois poetas que me são queridos: *do olvido se liberta, sobra-lhe andar sempre à vontade, nunca se cansar, e assim continuar*. Identifica-se a norma que contém a limitação como esta-tuição e a realidade (*da força dos factos*) desaplica-a. Novidade? Bom! Aqui, na infinitude dos campos epistemológicos que se percorrem (e nos que se vislumbra), a aproximação à complexidade das erupções em curso demanda a via do meio, dúctil, ágil, eficiente, entre substancialismo (brr! os 'ismos' enregelam quando não enclausuram — aponto ao *semáforo*) e analítica (como, com brilho, ensina Faria Costa¹); entre uma empedernida mineração axiológica e uma seleção (criteriosa?) de relevâncias, subsiste a *arte* de quem necessariamente

* Professor auxiliar na Universidade de Évora (Escola de Ciências Sociais). Advogado (vrcpsc.com). Integra a Direção do Centro de Direito Biomédico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Em cessação de mandato na Comissão de Ética do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge - INSA RJ IP. Encarregado de Proteção de Dados da Universidade de Évora.

1. Cf. ID, *Revista de Legislação e Jurisprudência*, 134.ª, Ed. Cieslegal, 2024, pp. 145 e ss.

tem de perspetivar qualquer positivismo como, no mínimo, pós positivismo militante, de onde parte desenhando o que é falso, propondo paradigmas alternativos para solução, se necessário, contra o 'método', e por diante, que é Infantaria que não pretende cair em trincheira. Doutra sorte, melhor: caindo no azar, o espectador, o curioso e o estudante (sublinho estudante) emparceiram em estu por de incompreensão frente ao muro do holismo humanístico das humanidades. Desta outra sorte é azar, insisto. Quando as gentes do Mundo progridem (fingem progredir), uma nosologia incurável que se instala no corpito social é a burocracia. Esta, quando não é letal, é redutora e sempre perniciosa.

Silvério da Rocha Cunha é um Companheiro de uma significativa caminhada *peripatética* pelo que de enciclopédico deve o humano exigir-se e munir-se. Mestre e cúmplice de muitas estórias; de tudo, e, sobretudo, de estudo (ao repetir-se, aqui, sinto o dever de justificar; o sentido e alcance é o explicado por Faria e Costa *cit*, por confrontação com *vg* investigação). Do pensamento próprio atingido e respetivo trabalho outros se pronunciarão (quando o tempo e a inteligibilidade os favorecer) ou farei talvez ensaios, se e quando encontrar espaço e apetite; se ao homem se adicionar a sua circunstância e o respetivo cuidado (chapelada a OyG), então, neste recanto, poderei também um dia, mais certamente, descartar algo.

O texto faz jus às dispersões com que, paciente e longamente, SRC decolou as suas próprias *dispersões* e enlaçou (coerentemente, afirmo!) os seus *fragmentos* para a alforria científica com que sempre contrariou a tendência muito lusa de percorrer caminho com as costas voltadas ao destino dos passos. É a tópica, mas onde sempre a sua inteligência colocou um delicado fio de Ariadne.

Entre estas dispersões retomo algumas ideias que justificaram desafios, comunicações ou meras dúvidas persistentes, algumas com traços grossos e rudes de notas, outras só de memória..., estou entre quem pugna que os tempos são useiros e vezeiros em impor realidades (uma chapelada a Alf Ross) e estas tombam em paradoxos como se acometidas por apoplexias. Vejam: na sociedade humana mundial o risco do exercício paroxístico da informação formou uma voragem

de dados individuais, tendencialmente sobre todos os suscetíveis de serem processados (tratados). Servem tudo, da economia à ciência; da segurança à guerra, e, óbvio, mostram-se como arquitetura (já engenharia em construção) do futuro (com contornos meio difusos e ameaçadores); portanto, mereceram logo os avisos éticos, e, na passada, o cosmopolitismo de uma regulamentação (proposta global: melhor será pensar em plural compósito). Em que pé estamos? Olhar o ser humano implica uma reverberação de memórias, em momentos chaves dos encontros das institucionalizações, das uniformizações dos valores, da identificação entre os fios das navalhas dos poderes, da reinvenção dos *impérios*, da ocupação das terras e florescimentos de catálogos normativos comuns mais ou menos eficientes. Levou-me ao tema. Mas mais: estamos em plena revolução tecnológica, com as descobertas em dilúvio; isto mesmo, dilúvio, que tudo está a alterar. Tenho à disposição várias expressões, que usarei: 1. *Numenal* ²; 2. *Singularidade*; 3. *Nitchevo*; 4. *Asabiyya*.

1. NUMENAL E TECNO FEUDALISMO;

Sociedade numenal é a projeção necessária, exigível, sobre a estrutura social existente, ao dispor do individuo que racionaliza e decide e delibera. Esta sociedade numenal não é uma, mas várias (arredando perspetivas críticas absolutas); não trata de um ser humano, mas do posicionamento compósito da realidade individual e da conexão inevitável da corrente humana, não descarta as importâncias institucionais, mas sublinha as coexistências e busca as medidas em que são interdependentes... É o que de real alimenta a Ética e prática, exerce, a construção jurídica. Assim legítimo a busca das *justificações* dos poderes/deveres individuais (*ser em devir*, escreveu, agigantando-se, Orlando de Carvalho) que integram o direito de edificar as condições para que as liberdades, igualdade e justiça, mercê de uma coesão social pró-ativa retenha os redutos *numenais*, seja da Dignidade, seja da

2. A opção por numenal ao invés de noumenal, em análogas, decorre da observação expressa neste sentido por José Pedro Machado, cf. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Da mesma sorte, encontro conforto em Foucault (onde leio o termo 'análido de Figueiredo').

paz e dos progressos todos. Neste sentido, é a razão logo quem dita como perspectiva integrante do ser (vale a explicação do neologismo pelo A., Kant: *a coisa em si*), sendo reconfortante quando o fenómeno integra as normas Universais, como o ditam logo a Declaração Universal dos Direitos Humanos ou a Carta das Nações Unidas (persiste o elemento gramatical *carente* e vulnerável) e assim em muitos dos textos internacionais e constitucionais em vigor. Em rigor, existem muitos vieses, todavia estes não impedem afirmar que todos os textos internacionais e constitucionais o expressam, embora existam divergências abissais quanto à tutela. É a realidade objetiva que não carece de filtro, mas não descarta as dificuldades, entre outras, as das justificações. Estamos todos confrontados quotidianamente com as aporias do desígnio. Entre este desígnio, no que se nubla por recelo de conspiração, tenho alguns filtros para propor sejam pensados, em confrontação numenal.

Bem sei que o «espírito do tempo» tem as suas volubilidades (*sophia è mobile; muta d'accento e di pensier*), e, hoje, não são de desconsiderar os argumentos que conduzem ao diagnóstico de Yanis Varoufakis sobre *os efeitos do capital em nuvem no Minotauro Global*, sublinhando as oligarquias seja em um enquadramento, que revisita e redesenha com radical lucidez o percurso do capitalismo (no momento exato do salto e no arco que este prossegue), seja, e isto é o foco de síntese, na inevitabilidade de uma diluição e/ou desconstrução de fronteiras (e recordo os debates em torno da expressão neo-feudalismo global exatamente com SRC, em torno de 2015³) que colocou em, marcha as rotas dos Sapiens até uma revisitação atualista d'O Futuro da Natureza Humana⁴ (do presente, em rigor).

3. YV: *Technofeudalism: What Killed Capitalism*, Vintage, Penguin Ed., ebookindle, 2023, cap. 2/3).

4. Cf. Silvério da Rocha Cunha, *Paradoxes of Modernity in International Political Theory*, Ed. Humus, 2017, pp. 112 e ss (em conclusão), citando a pretexto, Gérard Dussouy, *Théories de la Mondialité...* pp. 218 e ss e acatando o que este A. sugere como um quadro de fatias estratificadas de poderes, não necessariamente nacionais ou estaduais; ao contrário, em tensão, sobrepostos, conviventes, coincidentes, interativos...

5. Jürgen Habermas, *O Futuro da Natureza Humana (...)* (introdução: João Loureiro), Almedina, 2006.

situo-me sobre a coberta de Rainer Forst⁶ um dos discípulos diletos de Jürgen Habermas, quando disserta sobre a necessidade de uma *gramática de justiça além-fronteiras (transnacional)*; recordo bem, a descrição do encontro na esquina do destino, em Évora, entre SRC e este Mestre, que acabou por envolver e integrar no Património científico e pedagógico desta Universidade de Évora.

2. SINGULARIDADE

A História mostra acelerações vertiginosas. No *vórtice* por onde se escoia a humanidade opto pelo cunho da invenção da máquina a vapor (não a Eólipila, de Heron de Alexandria, mas o comboio de Newcomen e a industrialização). A escolha não é inocente, tal como a estória que segue: coincido no tempo com a peregrinação de 300 km de JS Bach, teria 20 anos, até Lübeck, para estágio com Dieterich Buxtehude. A viagem, do início do *galante séc. XVIII*, esteve nas agendas de grandes compositores coevos, como Mattheson, Telemann e Händel. Já se entenderá a conexão destes esforços. Os percursos humanos são complicados. No nosso sistema solar, após os aborrecidos 3,5 mil milhões de anos iniciais da Terra, a 6.ª extinção criou as condições (*Goldilocks Effect*) da evolução até ao Sapiens e o que o diferenciou, ie, a *aprendizagem coletiva* (David Christian⁷). Pausa longa até Bach, mas nos 3 séculos seguintes a voragem da Revolução Industrial foi imensa (Ciência, Direito, Medicina, Cultura, Transporte, Informação e Comunicação, Tecnologia)⁸. Ficam as premissas do que me interessa sublinhar, a saber: o fabuloso aumento individual de instrumentos disponíveis para superar insuficiências. Parece ser mérito da

6. Cf. ID: *The Noumenal Republic: Critical Constructivism After Kant*, Ed. Polity, 2024, pp. 101 e ss., 153 e ss., 276 e ss. Tratando-se de uma *coletânea* de capítulos (gerúndio) com *construção* em densidade, as leituras realizadas exigem mais maturação. Não deixarei de mencionar (cf. p. 277), o relato em 'confissão' de que JH crê que a busca da democracia encoraja a busca coletiva e a individual que justifica e propende beneficentemente uma multiplicação daquele escopo.

7. Cf. ID: *História do Nosso Mundo*, TED: https://www.ted.com/talks/david_christian_the_history_of_our_world_in_18_minutes?utm_campaign=tedsread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare

8. Destaco a abolição internacional da escravatura (ONU: 1949: dezembro, 02).

aprendizagem por via da disseminação de linguagens reciprocamente inteligíveis. Em revolucionária prensa, o latim (não descurar o grego), mas depois os mercados cederam (francês, inglês, o castelhano), e os cultores da precisão linguística floresceram.

Explico: Os músicos dominam e exercem uma linguagem universal estruturada em torno de sete notas. E é esta a comparação: a comunicação musical é imune à maldição *de Babel* e é eficaz. Hoje, estamos à beira de quebrar esse fosso comunicacional (cf. Ruth Garrett Miller⁹), já nas aplicações nos TM, progressivamente mais ajustadas (óculos, lentes de contacto), até, à *internalização* (cf. Rosi Braidotti¹⁰). Recursos intelectuais para a tradução, a memória, bibliotecas, a análise fisiológica, alarmes, direções, etc., ficarão progressivamente mais acessíveis (Lei de Moore). Todavia, os receios são oriundos menos do acesso a potentes plataformas informáticas, a programas sofisticados, mas da incógnita quanto à autodeterminação informacional, à privacidade, à incógnita sobre as sequelas da possibilidade (real) de os programas superarem a inteligência humana, serem instrumentalizados para prejuízo de uns e vantagens indevidas, ganharem plena autonomia... os quadros estão na ordem do dia e AA. como Nick Bostrom¹¹, Kurt Kurzweil¹², Mustafá Suleyman¹³, Yuval Harari¹⁴ e Erik Larson¹⁵, estão às cabeceiras. Datas apontadas a década(s).

Acredito em uma Sociedade Aberta¹⁶, inevitavelmente vocacionada para o futuro da Humanidade em miscigenação crescente. A

9. Cf. ID: *Beyond Concepts*: Oxford University Press, Kindle ebook, 2017.

10. Cf. ID: *The Post Human*, Polity Press, 2013 (Kindle ebook).

11. Cf. ID: *Superintelligence* (...), Oxford, 2014; e *Deep Utopia*, Ideapress, 2024 (Kindle ebook's);

12. Cf. ID: *The Singularity is Nearer*, Vintage, Penguin, 2024 (Kindle ebook);

13. Cf. ID: *The Coming Wave* (...), Crown, Penguin, 2023 (Kindle ebook). Um pormenor: Suleyman profecia uma plataforma de IA que gere investimentos e gera rendimentos; a yahoo/finance (Blomberg) em notícia de 2025: february, 13, de Brumpton e McKay noticiam: *Hedge Fund Startup that Replaced Analyst With AI Beats the Market*; espantosamente a firma é: Minotaur Global Opportunities Fund. Não resisto a furar os limites de palavras.

14. Cf. ID: *Nexus*, Vintage, 2024 (Kindle Ebook);

15. Cf. ID: *The Myth of Artificial Intelligence* (...) Harvard Press, 2021 (Kindle ebook)

16. Penso exatamente na obra de Karl Popper, *Open Society and Its Enemies*, Princeton, (introdução de Alan Ryan e ensaio de Gombrich, Princeton (George Soros, 2020 — Kindle ebook).

estatística é implacável e por janeiro deste 2025 a cifra mundial de mortos superou 8,2 mil milhões e cresce. Os nascimentos mais do que duplicam as mortes em um dia aleatoriamente escolhido, e Yuval Harari¹⁷ permaneceria impávido na sua constatação pré pandémica de que os cavaleiros do apocalipse parecem inanes em algum recanto do fervente deserto... Nada disso! As novas realidades escapam-se à regulamentação, ou, quanto esta existe, é estranha. Existem muitos exemplos. Registo um incidente doméstico: do palco da União Europeia surgiu um edifício normativo (O RGPD) para a proteção dos dados pessoais, que previu e mereceu regulamentação pelos Estados membros (Leis de Execução¹⁸). A nível dos Estados existem Autoridades Administrativas que tutelam as matérias, ao caso, a Comissão Nacional de Proteção de Dados; esta, fundamentadamente, deliberou desaplicar nas respetivas apreciações algum texto normativo nacional¹⁹. Eis o que apontei ao pós-positivismo. A dispersão, a mobilidade e o carácter concreto instalaram-se definitivamente nas características das normas jurídicas. Nada a fazer, é numenal.

A Teoria da força normativa dos factos tem defeitos, mas aqui, os seus méritos e o tempo, acelerado em aspetos seleccionados, esconde realidades que se mostram mais tarde com evidências. Penso em Borges²⁰; «A história da filosofia costuma entorpecer incrivelmente a especulação filosófica. Esse entorpecimento é inevitável, se nos lembrarmos que a filosofia (...) é (...) a imperfeita discussão (quando não monólogo solitário) de algumas centenas, ou milhares, de homens perplexos, distantes no tempo e na língua. (...) é preciso discutir (...) a conveniência de que cada novo estudante reviva (...) o processo ancestral e curse as etapas infinitas...».

17. Cf. ID: *Sapiens* (...), pp. 433 ss, *Homo Deus* (...), Cap. I; 439 ss;

18. Lei n.º 58/2019, de 08 de agosto.

19. Trata-se da Deliberação CNPD 2019/494. Nada a apontar à fundamentação (incluindo a doutrina citada) e as específicas fundamentações. Foram visadas nove normas.

20. No que concerne às correntes humanas e aos números impressionantes do equilíbrio das necessidades, vejam-se: Interactive World Migration Report 2024 e Migration Data Portal. Quanto a José Luís Borges, cf. *Textos Cativos*, recensão sobre *Guide to Philosophy*, de Joad, 1936, que é inspiradora.

Os recursos tecnológicos costumam surpreender quando já estão instalados. A hipotética de Varoufakis é refrescante ²¹; muito sinteticamente: a complexidade do capitalismo está em mutação e transfere-se para feudos oligárquicos que dominam a generalidade das áreas com o futuro breve a ditar o domínio de dois Estados (entre domínio e sujeição); predominantemente com diretórios americano e chinês. Em rigor, os feudos oligárquicos são tendencialmente transversais e não constituem novidades, é verdade, contudo, estes são agora *cloudalists conglomerates*. O conceito carece de ser pensado e traduzido (o que endosso), mas torna-se perceptível pela dimensão e interconexão atingidas em novas abordagens de domínio dos mercados e por visarem a extraterritorialidade, sem que, para isso, dependam fundamentalmente de lucros diretos decorrentes das atividades, mas do incremento financeiro das dependências que criem. O exemplo que segue é fascinante: as três maiores financeiras dos EUA, são privadas, gerem ativos e detêm participações importantes em empresas enormes (inclusive, concorrentes entre si): ex.ºs: Apple, Microsoft, GM, Ford, Alphabet (Google), Bancos, ExxelMobil, GE,; em suma, mais de 90% das empresas que estão na lista do «New York Stock Exchange». E o «segredo» é que colocam no mercado, em 'renda' a segurança dos 'sacos' com os fundos daqueles gigantes (Exchanged, Traded Fund's: ETF's) ²². A influência mundial não pode deixar de ser imensa. Muito naturalmente estas estruturas oligárquicas não se acanham em Estados. Recentemente, o conhecido jornalista Davis Remnick não só voltou a apontar os receios para os EUA, como recordou nos anos 90 do século passado o episódio da detenção de Gorbachev e a tomada de poder pela oligarquia estruturada no KGB da antiga União Soviética ²³. Não se acanhando em Estados, a verdade

é que o mesmo não posso afirmar quanto a todos os Estados. Da parte da China, afirma Varoufakis, os gigantes também existem (p. ex.: Alibaba, Tencent, Baidu...). Mas, será de convir que as notícias que se escapam parecem revelar domínio sobre a formação oligárquica. Domínio do Estado, *rectius*, do Janus Estado Chinês.

Outra trave do desafio, três conclusões: a) o crescimento populacional dilui fronteiras; b) o desenvolvimento tecnológico permite encontrar uma inteligibilidade comunicacional uniforme, global, e, generalizadamente, um discernimento superior; c) estamos com novos desenvolvimentos de uma realidade mais antiga; as concorrências de poderes podem conduzir a uma nova bipolarização, como propostas de estruturas sociais, *Tordesilhas*, em que frente à China, situar-se-á um ocidente americanizado? E os novos servos?

3. NITCHEVO!

Perante o que antecede, como interpretar as reações mundiais? Desde logo, a que resulta da expressão «nitchevo» com que Tolstói denomina a resignação face à adversidade em «A Morte de Ivan Ilitch». Pouco importa, não interessa, é inevitável; um onomatopaico «bof» também serve. Eis alguns significados da expressão russa Nitchevo (ensina Mirosława Podhajecka ²⁴). Trata-se de um gesto, expressão, postura, que revela uma apatia pela sequela de um perigo materializável. Como se ouvíssemos, como lemos em vários textos inesquecíveis (p. ex.: Zorbás, *O Grego*; de Nikos Kazantzákis: «A única coisa que sei é isso: estou cheio de feridas e cicatrizes; e essa é minha única propriedade»; ou de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*: «Nada vai suceder, patrãozinho, está tudo bem, não é preciso reduzir a velocidade...»). Noam Chompsky (*New York Times*: 2023) alertou para a iminência de uma intolerável regularização dos modelos comportamentais, a descarrilarem, não despertando mais do que mera curiosidade.

perante todas as instâncias de poder, alertando para o retorno ditatorial, que se verificou menos de um ano após e persiste.

24. Cf. ID: *Revising the History of Nitchevo with Text Archives*, in *Studia Anglica Posnaniensia* Vol57 (2022: january). Open access.

21. Não totalmente clara, diga-se, como confessa o A. (cf. *op cit*, p. 121), já que ao distinguir lucro de renda (a finalidade pretendida dos sistemas), refugia-se nas origens (a renda é oriunda de uma realidade menos vulnerável do que o lucro).

22. BlackRock; Vanguard; e State Street. Evidentemente que não esgotam a lista das 'irmãs', mas os valores que envolvem impressionam (vulgo 'triliões': 10; 8 e 4, respetivamente).

23. Cf. Davis Remnick, *The New Yorker*, 2025: january, 16. Primeiro o receio pela deterioração democrática, depois, a recordação do discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros,

Uma intolerável inércia no pensamento humano. Antes de nos fixarmos na ideia das tábuas escorregadias que viabilizam um autismo alienante será importante recordar que o tema é um paroxismo do que vem sendo estudado como decorrente de uma *ética da tecnologia* (Peter-Paul Verbeekl²⁵).

Esta indiferença é persistente no quotidiano das nossas vidinhas, mais evidente para quem viaja, ou, alertado, consulta as notícias. Instala-se uma burocracia absurda (literal), que constitui uma trama asfixiante no trato entre as pessoas, as instituições e entre as comunidades. A patologia já não é sintomática de uma geração, mas de sucessivas gentes que, de unhas compridas e afiadas, agitam os dedos e dilaceram em torno, com a autoridade da norma da circular do regulamento interno, extraído do despacho, com que se verteu a portaria, apontada pelo diploma mais reles, que, anacrónico, se funda em Lei de República e sob a lápide de uma Constituição, que, quando em vez, gera um sentido e alcance que repristina infortúnios. Quando o resultado agita a opinião pública, as estruturas legislativas apressam-se e inicia-se a *procriação legislativa assistida*... altamente burocratizada (em tempos o Diário da República celebrava a desburocratização com um pseudo ato normativo que acumulava em um jornal verde...²⁶. A dimensão do ridículo encerrou a aventura de mau-gosto).

Multiplico a metáfora; hodiernamente, os perigos climáticos implicam a vertigem de uma sétima extinção em massa (discute-se se existe um Antropoceno). Persistem as guerras, as correntes humanas, as carências. A «Política Real» envergonha iniciativas como a de Judith Butler e a sua «força da não violência». As instâncias internacionais operam com Ética e alguma expectativa na força vinculativa dos mecanismos jurídicos do Direito Internacional. Reúnem-se recursos

25. Cf. ID: *Moralizing Technology: Understanding and Designing the Morality of Things*, University of Chicago Press, 2011 (Kindle ebook). Estamos no pólo oposto ao de Forst e Habermas...

26. Cf. Despacho Normativo n.º 251/91, de 30 de outubro: 'Autoriza a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, E. P., a publicar o *Diário da República* de 31 de outubro em papel especial de cor verde.'

e despeja-se solidariedade perante catástrofes. Eis uma matéria que, lá mais para a frente animará quem volte a ler e a escrever sobre a *asabiyya* de Khaldun.

As calamidades, tal como as fraturas, tal como os vieses humanos, não são de agora. Recordo um episódio: o maior terramoto registado ocorreu no dia 22 de maio de 1960, com impacte em Valdivia (aldeia do Chile). Ao que parece, algumas décimas acima do Grau 9 da Escala de Richter; XII de Mercali (destruição total!), os abalos perduraram intermináveis 10 minutos. Arrasou tudo e prolongaram-se réplicas até ao dia 6 de junho desse ano, determinando tsunami(s) que varreu(ram) o Oceano Pacífico até ao Havaí, Japão, Nova Zelândia, despertou uma erupção no Vulcão Puyehue na cordilheira dos Andes. Milhares de mortes e milhões de pessoas afetadas. A explicação científica reside em uma subducção de 2 placas tectónicas com uma extensão calculada de 800 km, nos abismos do curso da corrente denominada Alexandre Humboldt (personalidade que se ligam às Epistemologias do Sul). Em suma: uma perspectiva apocalíptica, que persistiu.

Uma das significativas preocupações que podem encontrar nos jornais do tempo e na memória da humanidade do 'cidadão comum' foi a de que a copa mundial de futebol de 1962, programada para o Chile, podia ter ficado comprometida. Foi campeão o Brasil. Tudo transcendente a outros tsunamis. Entre 1961 e 1962 verificaram-se dois epifenómenos muito significativos da 1.ª guerra fria, respetivamente: a 'crise de Berlim' mercê das linhas de ocupação, em 61, e que descambou na 'construção do muro', – para a proteção antifascista, recorde-se –, e, claro, em 62, a 'crise de Cuba'. Uma coexistência que não é incomum ao 'escavar' dados sobre catástrofes.

O tiro no crânio da mulher com que se executa o trânsito em julgado da sentença sumária que lhe decidiu ter beliscado textos sagrados... A história tem os seus momentos próprios, cuja invocação é conveniente para viabilizar a reflexão sobre a persistente sensação de 'déjà vu' que as crises suscitam e as propostas de solução, nas suas vulnerabilidades também provocam.

Acordamos juntos no século XXI e frente a vários conjuntos de realidades. Destaquei algumas. Não podemos continuar sem que

uma linguagem comum seja adotada, tal como estamos à bica de incorporarmos instrumentos de auxílio intelectual (que existem já disponíveis para manuseamento individual). Somos contadores de histórias e carecemos de uma regulamentação de comportamentos que mantenham o caos de fora das nossas relações (Harari). Entre as perspetivas das Ciências (verdades) e as verdades das perspetivas (moral) subsiste um reduto de atuações que merecem ser aferidas e certificadas (Ética). Para o conjunto de estórias humanas e a respetiva conciliação serve muito bem reter aqui o discurso de Daniel Dennett²⁷. O que se encontra do lado de fora do foco de luz de científico pode ser e é moral e eticamente fulcral, mas terá sempre de conviver com uma contradição com a escatologia humana, a saber, a 'verdade científica' terá mais do que um lado e, ao lado da perversidade, existe a bondade de soluções. O futuro, perante esta multiplicação de fatores, premissas e populações, terá previsivelmente um aumento de conflitualidade ou, no mínimo, de crescentes margens de risco. Eventualmente intoleráveis (a intolerabilidade constitui fronteira para a agressividade, incerteza e insegurança). É aqui que a Ética e as comissões de tutela por setores de atividades podem e devem ter a palavra e fazer a diferença. Um lastro na velocidade da progressão científica, na voracidade da realização da busca, ou, voltando a Dennett, no alargamento do foco da Ciência; para que não ateie fogo ou encandeie.

3.1. A IRRELEVÂNCIA DA PESSOA

Eis uma verdade assustadora. Persistem espaços alargados de terrenos fora da viabilidade de intervenção institucional mínima (segurança, aplicação da justiça, saúde, ensino, *alimentos*). Trata-se de espaços assustadoramente «vazios», desconfortáveis, perigosos. A ausência de número humano reduz-nos a sensação de solidariedade para níveis desconfortáveis. No polo oposto, a confrontação com a vida urbana, com as suas megalópoles, e um número exagerado de cortiços para

pessoas e filas intermináveis de «formigueiros humanos» produzem exatamente a mesmíssima sensação (repito a figura temível do atropelado que apenas 'atrapalha' o trânsito, como na poesia de Francisco Buarque d'Hollanda, *A Construção*). Ainda como exemplo, as enormes plataformas de circulação de pessoas, os algoritmos de certificação existencial, etc. permitem «visualizar» o temor por «espaços alargados de inumanidade». Espaços incaracterísticos quanto às tutelas, e irrelevantes quanto às garantias que os Estados, individualmente considerados, não conseguem emprestar aos «seus», e, em termos organizacionais, não conseguem emprestar aos outros, fora da ponta da espada, bem entendido.

Mas para além dessa constatação (que não é original), de replicações sobre zonas vazias de *Tutela do Direito*, com afeição intensa dos parâmetros dos Direitos individuais e algum incómodo aparente sobre a projeção desejável: Dignidade. Parece-me claro que as plataformas análogas de transporte ou de localização são crescentes. É ainda crescente a localização 'desnaturalizada' das pessoas (sem que o indivíduo deixe de se projetar da sua nacionalidade para o Mundo, de si para o que faz e desempenha). Os resquícios das nacionalidades começam a ser internacionalizáveis. Os bens, sem origem, ou com todas as origens estão nas bancadas, segundo os apetites, onde quer que se esteja. Posto isto, não me parece insensato ponderar que o 'Império' de espaços de irrelevância da nacionalidade se multipliquem. E isso revela que os requisitos de segurança e de inter-relacionamento se alterarão tendencialmente segundo parâmetros muito apertados de seguranças, em que os valores têm forçosamente de se modificar. Circular em Aeroporto é um exercício de nudez e de vigilância constantes, circunstancialmente em «território de ninguém»²⁸. Mostrar-se e ao que se possui um requisito normal e a identificação de um processo consequente. Inevitabilidades.

Mas o *melting pot* de todas estas realidades está na resiliência do que virá a ser a curto ou médio prazo o respeito pelo umbral do Direito:

28. Cf. «The Terminal» (2004), de Spielberg, em que a personagem principal (Viktor Navorski: Tom Hanks) fica retido no terminal do JFK/NY, para lá do «visto de saída», pela perda de validade do seu passaporte antes do embarque.

27. Cf. ID: *Do Science & Religion Conflict?*: https://youtu.be/tU5bw_oXLYM

o respeito pela Dignidade Humana. Eis o que parece vislumbra-se em contornos nebulosos. Seja pelas condições de meio ambiente, seja pelas alterações estruturais do que seja humano.

4. ASABIYYA.

Ingrediente terapêutico para a humanidade enclausurada. Descobrem-se algumas premissas problemáticas, urgentes (da urgência à emergência) que revelam o humano enclausurado e as correntes humanas perante as fusões e a escassez de recursos: a esquizofrenia do que pertence ao que de tecno exigem as humanidades. Eis o que me leva a convidar a uma revisitação de outro enciclopédico: Ibn Khaldun. Impõe-se retroceder.

Acreditando ('as if', chapelada a Valhinger) que subsistimos um milénio mais, ou algo que nos valha, que tipo de consenso generalizado terá o condão de tecer a coesão social necessária? Urgentemente necessária, digo. Que ovo (genético dos valores) deverá alimentar o preenchimento Ético da normatividade universal? Uma civilização humana sustentável deverá ser animada pela comunicação em vista do consenso, comunicação livre e racional, devidamente legítima do poder, justa, em consenso público. Esta perspetiva de ação comunicativa é cara a Habermas. Mas o que visa? Como subsiste em legitimidade?

Aqui reside o neologismo (asabiyya) para a alteridade de uma coesão social consistente, construída como ingrediente fulcral por este antecessor das Ciências Sociais que se chamou Ibn Kaldhun (um Homem do séc. XIV), cujo pensamento se encontra praticamente integrado em uma longa obra: *Muqaddimah*, pensada e escrita no arco de 4 anos, seja na Argélia (na fortaleza de Qal'at Ibn Salam), seja em Al-Azham, no Cairo, para integrar outro título (*O Livro dos Exemplos: Kitab-al-Ibar*)²⁹ e que (merecendo larguíssima bibliografia

e controversia)³⁰, como aponta Boaventura Sousa Santos³¹, antecipou muito do que viriam a ser os estudos sociológicos de Durkheim, Weber ou Marx. Mas, sem esgotar, igualmente Toynbee, Braudel, Foulcault, Gellner, Voltaire, Edward Said, o mencionam. É admissível que muitos A.A. tenham prosseguido o mesmo problema apontado por Borges aos estudantes de filosofia, pelo que, nada admira coincidências, e, deste modo muitos outros poderiam ser associados.

Ibn Kaldhun construiu uma verdadeira Teoria da Sociedade, versando as várias fontes possíveis, desde História e Civilizações, Política e Governança, Economia e Trabalho, antropologia e o 'éter' civilizacional: a solidariedade que lhe determina a absoluta necessidade de coesão social. Sabe-me algo injusta a redução a uma 'explicação' das comunidades do Magreb (ocidente) de transumância nos 'territórios inúteis' dos desertos. Foi juiz, conselheiro, secretário, docente... percorreu mais de 5000 quilómetros entre Granada e Damasco, ao serviço de vários *governantes* do Império (que Adriano Moreira, no seu ensino que 'vivi', explicava de forma enxuta, apenas apoucada pela memória deste estudante: um Império que ambicionou o domínio integral do Mediterrâneo, e que, ao invés de fazer coincidir Nação com Estado, nas quezílias de fronteiras, padecia das quezílias de uma única Nação com vários Estados).

Espantado perante as evidências da ascensão, duração e declínio de Cidades Estados, de Comunidades, de Civilizações urbanas, cujos 'cadáveres' abandonados o impressionam, Ibn Kaldhun é um Homem do Mediterrâneo, que vive a curva descendente do Mundo Árabe (seus Pais saem de Sevilha perante a 'conquista cristã') e acolhem-se em Tunes, e, daqui, vemo-lo a ensinar em Al-Azhar no Cairo, retomar Granada, seguir para a Pérsia... O Mediterrâneo é ainda no sec. XIV

30. Entre os quais mereceu a atenção, dedicação e apologia de Arnold Toynbee, que se consagrou em tema semelhante (*Rise and Fall of Civilizations*); cf. ainda por todos, Robert Irwin: *Ibn Khaldun: An Intellectual Biography*, Princeton & Oxford, 2018, (Kindle ebook); asabiyya (solidariedade, pp. 19; 45-48, 56, 63, 69, 70, 95, 97, 117, 135, 187, 189-190)

31. Cf. ID: Na Oficina do Sociólogo Artesão: Aulas Magistrais: 2011- 2016, Almedina, 2020, pp. 127-147.

29. Ibn Khaldun, *Muqaddimah: An Introduction to History – The Classic Islamic History of the World*, Bollingen Series, Franz Rosenthal, abridged & ed. by N.G. Dawood, New Introduction by Bruce B. Lawrence, Princeton & Oxford, 1967-2015 (Kindle ebook)

e XV um espaço mercantil dos Império Chinês e da Grande Índia (mercancia — ouro, como hoje: produção e petróleo).

Mas a originalidade sua doutrina parte efetivamente da observação e análise das 'características' das comunidades nómadas do Magrebe (não como escopo, mas inspiração) e é a que resulta de uma divisão fulcral entre sociedades 'rurais' peregrinas e a contraposição com as sociedades urbanas. Naquelas persiste mais tempo o que designa por 'asabiyya': uma conexão social de cumplicidades, de língua, de intenção de crescimento e consequente inter-relacionamento e dependência: a solidariedade social. Nas sociedades urbanas deteta progresso acelerado, evidentemente; mas em uma e outra existem retrocessos, decadência, corrupção, até que o colapso da ponta da espada e da rapina as destrói. O desenvolvimento urbano institucionaliza-se em Estado e este modifica-se, cresce, influencia, cria zonas de atrito... Até que decresce. O elemento fulcral das sociedades é o da respetiva coesão, dos seus entendimentos, da respetiva solidariedade, do debate. A democracia é tendencialmente mais resistente à belicoidade, potencialmente imune, como se de uma vacina se tratasse.

Tudo possível pela necessidade de circulação de pessoas no mundo, pela interação, miscigenação e diversidade biológica e, claro, pela inserção de tecnologia que diluirá o problema das divergências linguísticas. Tenho toda a confiança na verificação destes requisitos para a construção, melhor: para a reinvenção da solidariedade social de Ibn Kaldhun e do consequente resgate do seu pensamento inspirado e lúcido. Asabiyya, a *cola* de Kaldhun, poderá conter o alinhamento dos astros, resgatando um discurso alternativo, simples, eficaz, e que desalinhe a ostracização que a pressão da existência humana no Mundo, perante uma escassez cada vez mais significativa de renovação, implica nos circuitos da sobrevivência.

Os oprimidos terão sempre na opressão uma trama de revolta, com que Victor Hugo confronta nas respetivas *misérias* as suas personagens Jean Valjean (o resgate do desequilíbrio da injustiça) e Javert (o obcecado positivista). Pois não será uma epifania de coesão social o *perdão* de Myriel? Boas leituras

11

10

Est

no

e o

em

pr

lir

so

de

em

hé

de

10

ol

tr

de

d

q

é

fi

c

-

*